

# 500 ANOS DE HISTÓRIA DAS MISERICÓRDIAS



CONGRESSO INTERNACIONAL

**Atas**

**BRAGA . 2014**



# CONGRESSO INTERNACIONAL 500 ANOS DE HISTÓRIA DAS MISERICÓRDIAS



## ORGANIZAÇÃO



## PATROCÍNIO



## Atas

Coordenação  
BERNARDO REIS

Braga . 2014

Título CONGRESSO INTERNACIONAL  
500 ANOS DE HISTÓRIA DAS MISERICÓRDIAS . ATAS

Autor VÁRIOS

Coordenação BERNARDO REIS

Edição SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGA

Fotografias Sérgio Freitas

Tiragem 500 exemplares

Data de saída Setembro 2014

Capa Arranjo gráfico com tema do cartaz  
do Congresso Internacional 500 Anos de História das Misericórdias  
(des. Alexandra Esteves)

Preparação gráfica ULISSES\_200

Impressão e acabamento Graficamares, Lda.  
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10  
4720-608 Prozelos - Amares

Depósito legal 380121/14

ISBN 978-972-96038-3-9



O conteúdo dos artigos e a norma ortográfica usada são da responsabilidade dos autores.

# 500 ANOS DE HISTÓRIA DAS MISERICÓRDIAS



Misericórdia  
de Braga

500 ANOS



## CONGRESSO INTERNACIONAL

21 e 22 de Novembro 2013

Local: Auditório São Marcos-Hospital de São Marcos

Organização:



Santa Casa da Misericórdia de Braga



União das Misericórdias Portuguesas



Universidade do Minho  
Departamento de História

Apoios:



Mercedes-Benz  
Carilassa, S.A.



SABSEG PT  
Seguros



HARTMANN



porto norte  
FUTURO DE PORTO E NORTE DE PORTUGAL



gental

**Apresentação do livro**  
***A Santa Casa da Misericórdia de Braga***  
**1513-2013**  
**por Maria Marta Lobo de Araújo**

Universidade do Minho

O livro que agora se apresenta, da autoria de José Viriato Capela e de Maria Marta Lobo de Araújo, deve-se à vontade expressa do Senhor Provedor, Dr. Bernardo Reis, de comemorar esta efeméride com mais um volume sobre a História da Santa Casa da Misericórdia de Braga, possibilitando o seu conhecimento ao longo dos seus 500 anos. Ao Dr. Bernardo Reis agradecemos a confiança que depositou em nós mas, sobretudo, a liberdade e as condições de trabalho que nos criou. Confiou-nos todo o seu arquivo e manifestou



A Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Marta Lobo de Araújo, da Universidade do Minho, fazendo a apresentação do livro *A Santa Casa da Misericórdia de Braga, 1513-2013*, ladeada pelo Dr. Bernardo Reis, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Braga, e pelo Prof. Doutor José Viriato Capela, da Universidade do Minho.

sempre total disponibilidade para aceder às nossas solicitações. Não podemos, por conseguinte, deixar de mencionar a facilidade e o gosto que foi trabalhar com a Misericórdia de Braga para escrever estas mais de 500 páginas que o livro contém.

Agradecemos também à Prof.<sup>a</sup> Alexandra Esteves, à Dr.<sup>a</sup> Manuela Machado, à Dr.<sup>a</sup> Sandra Castro, ao sr. Dr. José de Sousa Ribeiro, ao sr. José Eduardo Reis, ao sr. Mário Fernandes pela colaboração e ainda ao CITCEM-Pólo da Universidade do Minho, ao Departamento de História da mesma Universidade e às Bibliotecas e Arquivos em que trabalhamos.

Este trabalho é fruto da investigação levada a cabo em várias bibliotecas e em dez arquivos. Como a Santa Casa da Misericórdia de Braga possuía já vários trabalhos sobre a sua história, tivemos de, não apenas de partir do que já existia, mas, sobretudo, reler as fontes, dar-lhes um novo enfoque e proceder a novas abordagens, alargando o nosso campo de análise através da consulta de outros arquivos.

Estas tarefas levaram-nos a Lisboa onde trabalhamos na Torre do Tombo, mas também na Misericórdia, na Biblioteca da Ajuda e no Arquivo Histórico Militar. Aquando das invasões napoleónicas, o hospital de S. Marcos foi “tomado de assalto” por militares doentes. Mais tarde, voltou a encher-se de soldados durante as Lutas Liberais. Deve, no entanto, referir-se que as fontes demonstram a presença dos homens da guerra nas enfermarias de S. Marcos desde o século XVII.

Os anos de 1832 a 1834 foram tempos difíceis para Braga. O seu hospital esteve tomado pelos militares, os quais criaram várias dificuldades em certos momentos. O provedor do hospital tinha dificuldade em impor a ordem, porque estes se mantinham armados dentro das enfermarias e os distúrbios eram constantes.

Mas não só no Hospital de S. Marcos. Também no convento do Pópulo se fez um hospital militar e em outros locais da cidade se estabeleceram unidades de tratamento para estes doentes. O hospital do convento do Pópulo estava sob a administração da Misericórdia de Braga.

Foi, por conseguinte, preciso pesquisar no Arquivo Histórico Militar de Lisboa, para estudarmos os efetivos que foram internados e tratados em S. Marcos e nas outras valências que foram montadas em Braga para acudir aos militares enfermos. Para este período não existem livros de doentes nos arquivos da confraria. No nosso esforço de pesquisa foi possível conhecer os corpos que integravam os militares tratados, a sua proveniência geográfica, algumas das suas patologias e os tempos de internamento. Todavia, e à

semelhança do que outros trabalhos têm demonstrado para o século XVIII, também em oitocentos a Coroa pagava muito tarde, obrigando a uma correspondência intensa entre a Misericórdia e as diferentes instâncias do Exército para ser ressarcida das despesas efetuadas com o tratamento dos homens da guerra.

Em Braga para além de termos dado particular atenção às fontes que estão sob custódia do Arquivo Distrital, estudámos o arquivo que se mantém ainda na Santa Casa da Misericórdia. Alargamos ainda o nosso enfoque de análise aos espólios de algumas das confrarias mais importantes da cidade.

Inserida numa malha densa de confrarias, com quem convive, reparte serviços, colabora, mas também conflitua muitas vezes, a Santa Casa de Braga cruzou-se em muitos momentos com essas instituições, sendo pertinente consultar pelo menos alguns dos arquivos considerados de maior relevo. Assim, trabalhamos nos arquivos das irmandades de São Vicente, da Santíssima Trindade, do Pópulo, e de Santa Cruz, esta última vizinha da Misericórdia e à qual tantos problemas causou nos séculos XVII e XVIII. Trabalhamos também no Arquivo Municipal de Braga e no Arquivo do extinto Governo Civil, onde existe importante documentação sobre todas as Misericórdias do distrito e também sobre a Santa Casa de Braga.

A propósito da importância das fontes e uma vez que se encontram presentes muitas Senhoras e Senhores Provedores nesta sala, queria solicitar-lhes um olhar mais atento para os arquivos das vossas instituições, não apenas por as suas fontes permitirem o reforço de identidades, mas sobretudo por constituírem memória. As fontes que guardam são imprescindíveis para a reconstituição histórica destas instituições.

Como referimos, para escrevermos esta obra partimos de uma base documental alargada, procurando projetar o nosso olhar para onde houvesse documentação que nos possibilitasse estudar a Misericórdia sob novos enfoques e perspetivas. Partimos também com o conhecimento que tínhamos da cidade de Braga e das suas instituições.

Confrontados com uma tão vasta massa documental e um período tão alargado de tempo, as opções tiveram necessariamente que surgir. Estudar uma Misericórdia ao longo de 500 anos não é tarefa que ajude ou facilite o trabalho do investigador. Por isso, houve necessidade de fazer opções, porque a riqueza documental era tão grande que, em determinados momentos, aguçava a vontade do investigador de ir sempre mais além. Houve, porém a necessidade de parar para que o projeto se concretizasse e chegasse a bom porto.

Foi necessário, portanto, fazer opções – opções discutíveis, evidentemente, porque podem ser sempre contestadas, contudo, tivemos algumas razões para seguirmos essa linha que traçámos.

Este livro divide-se em seis capítulos. No primeiro faz-se uma análise desde a fundação da Misericórdia até aos dias de hoje, abordando um conjunto de questões com que a Misericórdia se debateu ao longo de cinco séculos. As diferentes fases que conheceu, o impulso dos Arcebispos, a criação e integração de novas valências, a perda do seu hospital e a forma como redimensionou a sua ação são temáticas aqui analisadas.

Seguidamente, criámos espaço para estudar os irmãos, analisando a presença dos homens, mas também das mulheres. Neste capítulo analisámos as várias categorias de irmãos, a forma como a confraria lidou com o *numerus clausus* e a pressão que as elites da cidade fizeram para o alargar. O estudo na longa duração possibilitou seguir várias estratégias, bem como períodos de maior e menor procura. O pagamento da joia de entrada, a galeria de retratos, as desobediências e as expulsões constituem igualmente matéria de reflexão.

O terceiro capítulo analisa as finanças da Misericórdia dando relevo a dois períodos distintos: o primeiro até finais do século XVIII e o segundo desde este momento até à atualidade. Nele analisa-se a estrutura da receita e da despesa, quer da Misericórdia, quer do hospital.

O capítulo seguinte aborda a sociedade bracarense e a forma como ela se reflete na Misericórdia, ou seja, o contexto em que a Misericórdia está inserida. A maneira com a Santa Casa se relacionou com as outras instituições bracarense, como criou o seu próprio espaço e dotou as elites locais de mais um palco de poder reflete-se no acesso aos cargos dentro da instituição, mas também na forma como os seus corpos gerentes se relacionavam com a sociedade envolvente.

O quinto capítulo está ancorado na grande instituição que foi o hospital de S. Marcos, principalmente a partir do século XIX. Porém, no século XX, a Misericórdia é o hospital de S. Marcos, ou seja, a Misericórdia vai deixando cair todas as outras valências que tinha como principais, e a saúde emerge com uma enorme força, como todos sabemos, não apenas em Braga mas em todos os locais. As Misericórdias são praticamente em quase todo o século XX os seus hospitais. Por isso, quando em 1974 perdeu a joia mais querida – o hospital de S. Marcos – a Misericórdia de Braga, como todas as outras, teve que redimensionar a sua atuação e orientar-se no sentido de responder aos setores mais candentes na sociedade: a Infância e a Terceira Idade e, hoje em

dia, as Cantinas Sociais. É também esta capacidade de responder com eficácia aos problemas que são colocados a cada dia que faz destas confrarias instituições tão peculiares e prestigiadas na sociedade portuguesa.

O sexto e último capítulo analisa as restantes obras de misericórdia. Casar órfãs, assistir mulheres recolhidas, enterrar os mortos, prover os pobres, dar esmola e recolher peregrinos no hospital de S. Marcos, passar cartas de guia, facilitando o deslocamento dos pobres para suas casas ou para tomarem águas termais ou banhos de mar, distribuir roupa, calçado e comida integraram o dia-a-dia desta instituição, principalmente até finais do século XIX.

Como especificidade desta Santa Casa destacamos, entre muitas outras, a presença dos Arcebispos, a forma como eles redimensionaram a Misericórdia e como se posicionaram desde a sua ereção até finais do século XVIII. A partir desta última data, a maneira como estes prelados olham para a Misericórdia e se relacionam com ela sofreu profundas transformações, pois ao deixarem de serem senhores da cidade no temporal, impuseram-se necessariamente alterações.

A presença dos Arcebispos, o investimento que fizeram nesta confraria e a projeção que lhe deram é de facto singular no panorama das Misericórdias portuguesas.

Realço, por fim, as muitas possibilidades de leitura existentes neste livro. Quisemos que a sua capa fosse ilustrada com a figura de um Arcebispo, precisamente um dos seus Provedores - D. Rodrigo de Moura Teles – um homem que na primeira metade do século XVIII perspetivou o hospital como mais nenhum outro. Não só o hospital mas também a Misericórdia são tributários de uma visão muito conhecedora dos principais problemas com que no momento se confrontavam. As medidas concretas, quer no campo financeiro, quer no setor hospitalar, ilustram as soluções encontradas para os resolver. A ele se ficaram a dever, por exemplo, o pedido ao Papa das receitas dos legados não cumpridos na diocese para S. Marcos, mas também as obras de remodelação do hospital que decorrerem nas primeiras décadas de setecentos.

Reconhecemos que o trabalho não se esgota aqui, nem era essa a nossa intenção. Deixámos em aberto várias linhas de investigação que novos investigadores poderão seguir e que muito gostaríamos de ver desenvolvidas. Esperamos, sinceramente, que assim seja.

Terminamos, deixando ao leitor mais uma obra que ajudará, por certo, a conhecer melhor a grandeza da história da Misericórdia de Braga e estamos convictos de que a sua leitura possibilitará um conhecimento mais profundo dos seus principais setores de atividade.